

O VALOR DO MÉTODO DESENHANDO COM O LADO DIREITO DO CÉREBRO

Vera Maria Junqueira Villela¹

VILLELA, V. M. J. *O valor do método desenhando com o lado direito do cérebro*. Revista Educação Gráfica, Bauru, n.4, p.23-30, 2000.

Resumo

O método “Desenhando com o lado direito do cérebro”, desenvolvido por Betty Edwards, representa uma contribuição valiosa para professores de desenho de observação. Aplicamos este método e complementamos com o estudo das aptidões cerebrais através da aplicação de testes desenvolvidos por pesquisas em neurociências.

Palavras-chave: desenho de observação, lado direito do cérebro, aptidões cerebrais.

Abstract

The method “Drawing on the Right Side of the Brain” developed by Betty Edwards, is a great contribution to natural drawing teachers. We apply this method and complementarily studied mind/brain capacities through the application of tests developed by research of neurosciences.

Keywords: natural drawing, right side of the brain, brain capacities

¹ Professora Mestre do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC UNESP – Bauru SP - veramari@faac.unesp.br

Introdução

O método desenvolvido por Betty Edwards representou uma consistente contribuição em meu desempenho como professora tanto em sala de aula como em atividades esporádicas com pessoas desejosas de enfrentar esse desafio.

Apresentarei resultados obtidos através deste livro durante os cinco anos nos quais ministrei as disciplinas de Desenho de Ambiente, Arquitetura e Urbanismo, respectivamente para as faculdades de Arquitetura e Engenharia Civil.

A qualidade dialógica desenvolvida através deste método estimulou leituras sobre o funcionamento do cérebro em geral, e em particular aplicando o método descrito por Roberto Lira Miranda.

Estudos sobre o cérebro

Betty Edwards foi a primeira artista e professora a apropriar-se das descobertas recentes das neurociências em vista de aplicações de aprendizagem. Seu método é interessante, pois possibilita a qualquer pessoa exercer sua capacidade de representação através do desenho. Esta habilidade era atribuída somente a pessoas consideradas especiais e portadoras de senso artístico inato. A proposta final será de aprender a resolver problemas e pode ser complementada com os exercícios de Lira Miranda, que também é especialista em desenvolvimento cerebral.

Inicialmente queremos recordar o desafio, a inibição, e quase um complexo de culpa das pessoas que não sabem desenhar ou que se consideram incapazes de aprender. Quando entramos em qualquer curso, é exatamente porque não sabemos aquilo que vamos aprender. Com o desenho isso não ocorre, mas sim um fato estranho

quanto ao resultado do trabalho, pois o aluno deseja retratar aquilo que vê com perfeição logo na primeira aula. Em geral, o aluno apresenta impaciência e baixa auto-estima na seqüência do treinamento convencional. Ele associa o aprendizado à memorização de um texto escrito que deve ser repetido fielmente.

Foram essas considerações que levaram Betty Edwards a mergulhar em sua experiência passada, recordando vagamente das sensações recebidas quando criança.

Estudando as teorias de Sperry, (Edwards, 1979) sobre o cérebro bipartido e suas especificidades, colecionou exercícios de desenho que considerava relevantes, estabelecendo uma seqüência adequada.

Os problemas relativos à compreensão da mente humana sempre foram um desafio desde a época de Descartes, o qual efetuou uma distinção entre mente e corpo. Vicentini (1999, p.11) afirma que "tanto o método de investigação quanto a forma de conceber o fenômeno mental humano são marcados até hoje na filosofia da mente por este pensador." Valle (2000 p.4) comenta a obra de Damásio, neuro-cirurgião radicado nos Estados Unidos denominada "O erro de Descartes". Para ele "a mente que se acha embutida no corpo não perde sua capacidade de realizar suas operações de nível mais refinado, as que dizem respeito à alma e ao seu espírito". A consciência gera imagens dotadas de sentido que supera o nível puramente biológico e as transforma em padrões mentais. Ver o azul do céu e sentir a sua beleza é mais do que sentir o estímulo visivo na parte que elabora imagens visuais.

Visto de cima o cérebro humano lembra as duas metades de uma noz, o hemisfério esquerdo, principal e dominante, e o hemisfério direito subordinado e secundário. Um feixe nervoso, chamado corpo caloso,

interliga os hemisférios. Na década de 50, no Instituto de Tecnologia da Califórnia, Roger Sperry (Edwards 1979 p.40) verificou que uma das principais funções do corpo caloso era permitir a comunicação entre os dois hemisférios, facilitando a transmissão da memória e do aprendizado. Verificou, também, que mesmo com o feixe conector cortado, as duas metades continuavam a funcionar independentemente. Foram criados testes engenhosos e sutis para confirmar as hipóteses.

Durante a década de 60, estudos realizados com pacientes submetidos a neurocirurgia vieram esclarecer melhor quanto às aptidões cerebrais, pois ambos os hemisférios estariam envolvidos no funcionamento cognitivo superior. Cada metade está especializada de maneira complementar, em diferentes modalidades de raciocínio, ambas altamente complexas. O hemisfério esquerdo teria as características de ser verbal, analítico, abstrato, temporal, racional, lógico e linear. O lado direito seria não verbal, concreto, analógico, não temporal, não racional, e holístico.

Nos anos 70, Robert Ornstein (Valle 2000 p.7) divulgava que a personalidade humana seria psiconeurologicamente bimodal. Mas essa hipótese foi criticada desde o início por ser considerada demasiadamente genérica e insatisfatória para quem leva em conta os resultados da evolução.

Ao longo dos anos 80, observou-se uma mudança geral do enfoque, considerando um funcionamento integrado do "cérebro todo", merecendo atenção o tema básico da relação cérebro-mente. Nos anos 90 nasce uma nova fase: a consciência capaz de dar sentido e de integrar. Mas os debates continuam entre psicólogos, biólogos e antropólogos estudando os rituais dos animais e comparando com a perda de

rituais pelo ser humano.

Independente das controvérsias para aplicações de ensino de desenho, o método de Betty Edwards continua com excelentes resultados, pois ela afirma que os processos de informação inerentes ao ato de ver indicam que a aptidão para o desenho talvez dependa do fato de o aluno ter ou não acesso às aptidões do hemisfério direito, e não ser capaz de "desligar" o hemisfério esquerdo verbal. Em resumo, o lado direito percebe a maneira pela qual devemos ver para podermos desenhar, enquanto que o hemisfério esquerdo parece interferir no ato de desenhar.

Betty analisa a dificuldade e o desagrado que ocorrem quando um aluno deve desenhar um cubo em perspectiva mesmo sem vê-lo. A professora coloca losangos justapostos que devem causar a sensação de um cubo. Mas o aluno sabe que o cubo é composto por seis quadrados justapostos, os quais ele deseja representar de maneira diferente. Quando isso ocorre, o aluno desinteressa-se do desenho pois deseja representar uma verdade. Ele não sabe que Picasso havia dito "O desenho é uma mentira que conta a verdade". De fato, a humanidade demorou muito para aprender a representação em perspectiva.

Desenvolvimento do método

O método começa com um pré-teste composto por quatro desenhos de observação que serão guardados e refeitos ao final do treinamento quando o aluno é capaz de fazer a transição consciente para o lado direito do cérebro.

O treinamento cerebral começa com o exercício vaso-rostro e depois vaso-monstro. Este desenho, largamente utilizado na psicologia, leva o aluno a desenhar um perfil no canto da página e rebatê-lo

simetricamente. O fechamento dos dois perfis forma um vaso no qual se percebe o esforço para desenhar o segundo perfil, observando apenas as saliências e reentrâncias, pois se ele se reportar às palavras testa, nariz, boca e queixo estará ativando o lado esquerdo do cérebro.

O aluno desenhará depois uma figura colocada de cabeça para baixo, a qual ele não sabe o que representa. Ao finalizar, colocando as duas imagens corretamente se surpreenderá com a exatidão da cópia realizada.

Na terceira aula, denominada "Método de meros contornos", o aluno fixará antecipadamente a folha de papel e o lápis em local adequado; ele não poderá tirar mais o lápis do papel até o fim do exercício. Agora, deverá se posicionar de maneira que não veja o papel, colocará a mão livre em posição adequada para ser copiada, buscando os contornos e detalhes. O olho seguirá lentamente este percurso, enquanto o lápis procurará imitar o que o olho está vendo. O resultado, em geral, não parece bom ao desenhista, mas a professora pode ver com clareza os alunos que desenharam a mão imaginada, quase sem detalhes parecendo uma luva, e os alunos que aprenderam a olhar sem impaciência.

Na quarta aula, o aluno ficará incomodado pela infantilidade do exercício, pois certamente ele já o realizou no pré-primário. Trata-se de desenhar um contorno e dentro dele uma figura que toque em duas bordas. Será constituído um fundo que será recortado. Colando esses fundos sobre um papel de mesmo formato recupera-se a figura central. O aluno estará ensinando ao seu inconsciente o valor do formato que quase sempre é retangular ou quadrado.

Agora o aluno recebe uma figura humana para copiar. Ele deverá imaginar esta figura como pintada em preto. Deverá

ater-se aos limites do contorno com o limite da figura preta. Somente ao terminar os vazios ele obterá o limite da figura humana e poderá concentrar-se nos detalhes internos que inicialmente lhe haviam atraído a atenção. Este exercício lembra a noção de forma e fundo da Gestalt, mas reforça a idéia de formato.

No exercício da cadeira o aluno recortará um visor e enquadrará a cadeira neste visor olhando-a fixamente. Deverá copiar os vazios da "não cadeira" obtendo o resultado final no qual o observador percebe nitidamente quais alunos fugiram da orientação olhando a cadeira diretamente.

Este exercício recupera a autoridade da avaliação assim como o próximo, que será a perspectiva do canto da sala. Esta perspectiva fica mais harmoniosa do que a perspectiva exata.

Para verificarmos se o aluno realmente aprendeu a desenhar em perspectiva nos dirigimos para as quadras de esporte onde são realizados três exercícios. A cópia de uma casa popular, três bolas colocadas em seqüência de proximidade, e a quadra de esportes. As bolas são desenhadas do mesmo tamanho quando o aluno não percebe a influência da distância diferente de cada bola em relação a ele. A quadra é protegida por um aramado. O aluno posiciona-se na plataforma do vestiário um metro mais alta que o piso da quadra. Em geral o aluno tem dificuldade em representar a linha de fundo da quadra. Quando há exagero basta mostrar em que altura do mastro do aramado iria o prolongamento da linha de fundo, e percebemos o erro.

Muitas vezes os alunos estão com pressa e desejam receber a instrução, e realizá-la o mais rápido possível. Este método como que tem a propriedade de

conduzir o aluno preferencialmente ao lado direito do cérebro no qual são diluídas as noções de tempo e som. Ocorre a permanência prazerosa dos alunos, confirmando a afirmação de Betty Edwards de que este estado é de uma meditação ativa a qual os ocidentais têm muita dificuldade em realizar.

Em recente artigo, Jesuína Pacca (2000), preocupa-se com o aumento de diálogo nas salas de aula. Ela considera que o Brasil é um país com graves problemas e dificuldades, entretanto na área do diálogo apresenta características superiores a outros países. As práticas alternativas, trabalhos em grupo podem contribuir para um desempenho melhor do aluno.

“Atividades antigas com significado novo ao serem reinterpretadas como fomento sistemático do diálogo com os estudantes, na perspectiva de entrar em ressonância com a tradição cultural brasileira” (Pacca 2000 p. 96) conferem a esse diálogo significado e importância.

Verificamos, na tarefa em que os alunos se recordam e reproduzem os desenhos realizados quando crianças, como um motivo gerador de diálogos e reminiscências.

O método promete, neste treinamento total do cérebro, além do aprendizado de desenho, uma vantagem adicional que será a capacidade de resolver problemas anteriormente insolúveis, pois só dispúnhamos dos recursos oferecidos pelo lado esquerdo do cérebro largamente desenvolvidos pela educação convencional.

Ampliações

Lira Miranda, em seu livro “Dominando os poderes da mente”, complementa a descrição do cérebro dividindo-o em quatro partes responsáveis

por um grupo de atividades específicas. A primeira é o cérebro intuitivo e criativo do artista. A segunda é a parte que gosta de ensinar ou auxiliar as pessoas como um professor. A terceira é a mente organizada do economista. A quarta são os raciocínios fortes da filosofia e da matemática.

Muitos projetos industriais não obtiveram resultados porque o criador, não sendo capaz de desenvolver as etapas subsequentes, já iniciava um projeto novo antes de aperfeiçoar as etapas incompletas de marketing ou outras.

Quando uma tarefa é muito desagradável para você realizar, ela está situada em seu hemisfério não dominante, e sua execução desenvolverá este lado. O livro traz uma série de tarefas anotadas com o grau de dificuldade relativo a cada tipo de cérebro. Você poderá iniciar pelas mais simples até o grau máximo de dificuldade.

Após estas considerações, desejo desafiar-lo a aprender a desenhar, pois você terá um meio muito eficaz de comunicação e, sobretudo, lucrará em seu auto-conhecimento, pois o desenho reflete nosso interior, nossas emoções e sentimentos e é por isso que a criança desenha tanto e tão bem. Não deixe morrer a criança que há dentro de você.

As aptidões do cérebro

Segundo Lira Miranda, tanto a ciência como o senso comum reconhecem que o ser humano tem capacidades mentais e intelectuais subutilizadas as quais poderiam ser desenvolvidas através de abordagens lógicas e conscientes conforme sua proposta. A ciência afirma que as funções atribuídas aos “cérebros” são desempenhadas por um conjunto de organismos de comando de todo sistema nervoso do ser humano, tais como medula, cerebelo, córtex cerebral, bulbo,

ponte e tálamo.

Todos os animais possuem características peculiares derivadas de um modelo primitivo, passando por evoluções ao longo dos milênios permitindo notar que o sistema evolui.

Entre as visões figurativas das aptidões cerebrais podemos destacar a de Ned Herrmann (Miranda 1995, p.13) como quatro agrupamentos de "preferências cerebrais" assim identificados.

O "Racional" (superior esquerdo), analisa e quantifica, é lógico, crítico, realista, gosta de números e sabe como as coisas funcionam;

O "Salvaguardador" (inferior esquerdo) adota ações preventivas, estabelece procedimentos, é confiável, organiza e planeja;

O "Sensitivo" (inferior direito), é sensível com os outros, gosta de ensinar, toca as pessoas, é expressivo, emocional e fala bastante.

O "Experimental" (superior direito) conjectura, imagina, especula, arrisca-se. É impetuoso, quebra regras, é curioso e brinca.

Como o homem vê o mundo: "Lentes" para leitura do ambiente

Difícilmente qualquer ser humano interpretará os fenômenos ao seu redor utilizando exclusivamente os enfoques característicos de cada um dos pólos de dominância. (Miranda 1995 p.85)

Se fosse possível isolar, uma a uma, as "lentes" através das quais percebemos o ambiente, somando essas leituras chegaríamos a uma visão completa e límpida da realidade, sob os seus mais diferentes aspectos.

Através do pólo medular utilizando exclusivamente as aptidões Corporais veríamos, em todas as coisas, apenas sua

forma e movimento, não teríamos noção de medidas, quantidades ou cores. A curiosidade (processo heurístico) no pólo Medular é praticamente limitada à localização das coisas no espaço: onde, e a sua quantificação genérica: o quê?

Através dos pólos pré-cortical e cortical esquerdo, enfocariamos no ambiente, a utilidade potencial das coisas para gerar segurança a longo prazo e conforto: abrigo ou escudo; arma, utensílio ou ferramenta; leito ou posto de trabalho. Através destes pólos haveria um espectro completo e exclusivo dos valores Produtivo/Operacionais.

Através dos pólos pré-cortical e cortical direito, utilizando exclusivamente as aptidões relacionais, toda nossa atenção estaria focada nas pessoas e em seus sentimentos valorizando proximidade, relacionamento, harmonia, sonoridade, expressividade, beleza, sabor... Os valores focalizados através destes pólos são, essencialmente, os Humano/Sociais.

Através do pólo neocortical esquerdo, utilizando exclusivamente as aptidões fatuais, enfocariamos objetivamente os valores tangíveis e mensuráveis: pesos e medidas, distâncias, partes e composição, funcionamento, valor comparativo. Os valores enfocados nesse pólo são essencialmente os Técnico/Científicos.

Através do pólo neocortical direito, utilizando exclusivamente as aptidões Conceituais, olharíamos sempre para além das coisas. Os valores enfocados neste pólo são basicamente Estético/Subjetivos.

Através do pólo pós-cortical, utilizando exclusivamente as aptidões Metafísico/Espirituais, realizaríamos o sonho do neocortical direito, conseguindo, a um só tempo, uma visão plena do âmago de todas as coisas, capturando seus valores essenciais. Ele tudo saberia e tudo

aprenderia, simplesmente olhando ou pensando a respeito das coisas. Isso, evidentemente, não conseguimos fazer. Mas a constatação de que “visão” pós-cortical é uma soma de todas as outras, fornece uma pista muito importante para a perspectiva de seu acionamento.” (Miranda, 1995)

Exercício para desenvolvimento das aptidões não dominantes

Roberto Lira Miranda afirma que todas as pessoas têm aptidões em todos os pólos de dominância cerebral, e conseqüentemente a possibilidade de desenvolver essas aptidões, através de exercícios apropriados. (Miranda 1995, p.117)

O nível de dificuldade mais baixo será encontrado pelas pessoas com aptidões dominantes nos pólos Fatural ou Conceitual para desenvolver suas aptidões nos pólos Organizacional ou Relacional.

O nível de dificuldade mais alto será encontrado pelas pessoas com aptidões dominantes no pólo Organizacional (naturalmente mais resistentes à mudança) para desenvolver suas aptidões no pólo Conceitual.

Os exercícios estão classificados em três categorias:

Exercícios para incremento das aptidões para interpretação do ambiente e diagnóstico de situações;

Exercícios para incremento das aptidões para adaptações de atitudes e comportamento às demandas do ambiente;

Exercícios para incremento das habilidades de comunicação e negociação.

Aplicamos os testes em inúmeras turmas das faculdades de arquitetura e engenharia e comprovamos bons resultados dos mesmos. Muitos alunos descontentes com o curso que haviam escolhido apresentavam

dominância cerebral diferente de seus colegas.

Muitas tarefas indicadas aos alunos de arquitetura, quando faziam referência a atividades de organização de dados bibliográficos, eram considerados muito difíceis, inúteis e portanto dispensáveis. A sugestão de tarefas especiais para aperfeiçoamento era considerada como uma tarefa impossível de ser realizada.

Conclusão

Concluimos que, seguindo as tarefas propostas pelo método elaborado por Betty Edwards, através das quais aprendemos a olhar o modelo de forma diferente, possibilita poder representá-lo com maior fidelidade. Comprova que todas as pessoas são capazes de desenhar superando uma dificuldade freqüente entre alunos.

Ao desenvolver as capacidades relativas ao lado direito do cérebro, a pessoa terá à sua disposição recursos mentais e intuitivos mais amplos para resolver problemas. Outras aptidões cerebrais também poderão ser desenvolvidas através do treinamento proposto por Roberto Lira Miranda, em continuidade aos exercícios de desenho já realizados.

Bibliografia Referenciada

EDWARDS, Betty. *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Ediouro, 1979, 218 p.

MIRANDA, Roberto Lira. *Dominando os poderes da mente: além da neurolinguística*. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1995.

PACCA, Jesuina L. A , VILLANI, A. La
competência dialógica del professor de
ciencias en Brasil. *Enseñanza de las
ciencias*. 2000, 18(1), 95-104.

VALLE, Edênio. *Os novos mapas da mente*.
São Paulo: PUC, 2000 (mimeografado)

VICENTINI, Max R. Como percebemos o
mundo que nos cerca. *Cadernos de
Divulgação Cultural*. Bauru/SP: EDUSC,
1999, n.68